



Travessias da poesia entre a história e a memória

Crossings of poetry between history and memory

Honatan Fajardo Cabrera¹

Resumo: À escuta da voz poética da escritora angolana Ana Paula Tavares no seu livro *Como veias finas na terra* (2010), tenta-se falar dos restos da memória remanescentes no cotidiano, na oralidade, entre as marcas da noite e inscrita nos corpos de mulheres e crianças expostas à violência. A poesia se resiste ao discurso monológico imposto e deixa ressoar as sobrevivências ante os eventos limite que têm marcado a história, possibilitando a reinvenção da identidade no respeito da diferença e a alteridade.

Palavras-chave: Poesia; Memória; História.

Abstract: Listening the poetic voice of the angolan writer Ana Paula Tavares in your book *Como veias finas na terra* (2010), try speak about the remains of memory remnants in the every day, in the orality, between the brands of the night and inscribed in the bodies of women and children exposed to violence. The poetry resist at monologyc discourse imposed and lets resond the survivals front the events limit that have marked the history, posibiliting the reinvention of the identity in the respect from the diference and the alterity.

Keywords: Poetry; Memory; History.

Começa a história
Desde o princípio assim
Era uma vez um
Sol e a lua que lhe pertence
Mais a terra entre os dois e
A paisagem
Com os seus vultos parados
À espera da carne fresca
Planta a história de vozes
Sujeitos caminhos e esperança
Depois a história curva-se sobre si própria
Medita duas vezes na água do rio
O fim está escrito
Nas linhas firmes das
Minhas mãos.
Ana Paula Tavares. *Como veias finas na terra*.

Ainda correndo o risco de cair nas injustas generalizações, talvez se pudesse dizer que parte da poesia angolana posterior à independência vem impregnada pelo intenso e fresco aroma da juventude e as cicatrizes que não se deixam simplesmente imobilizar, secar ou suturar por completo. Diversos estudos têm acentuado o caráter heterodoxo e heterogêneo dessa lírica renovadora, que tem marcado com tonalidades inéditas a língua

¹ Mestre em filosofia (PUCRS), Doutorando em Teoria da Literatura (PUCRS), bolsista CNPq.

portuguesa, herdada sem submissões, mas na reinvenção contestatária e no encontro com mais de uma voz e língua, deslocada de possessões exclusivistas, entre viagens e relações imprevisíveis nos diferentes portos, mares, povos, corpos, feridas, vidas e mortes, cantos e silêncios pelos que tem atravessado, ou seja, dinamizada por isso que tem acontecido à língua, permitindo-lhe afastar-se das pertenças plenas e subtraindo-a das presunções monopólicas alheias e de matriz hegemônica.

Dizer desta última década na poesia angolana é percorrer um trilho que remonta a datas mais recuadas pois os dez primeiros anos de independência são sobretudo o período em que ela deixou a clandestinidade anticolonial para ocupar o seu lugar na construção do país novo com que nos anos quarenta nascera identificada, logo então nenhuma dúvida restando sobre a sua autonomia dentro da língua portuguesa, que domesticou em proveito próprio. (MESTRE, 1987, p.47).

A amplitude na variação estilística e a diversidade de timbres entre tais vozes polinizadoras de pensamento e escrita, despontando no âmbito de todo um processo de transformações sociais, institucionais, culturais, políticas e econômicas, se resistem ao enquadramento homogêneo e a caracterização estilística unívoca dos grupos geracionais, ao mesmo tempo em que reflete a hibridez, as indecisões e tensões que não cessam de solicitar à decisão e atravessam e pulsa de distintos modos a sociedade até os dias atuais.

Como afirma o poeta J. A. S. Lopito Feijóo K., organizador da antologia de jovens poetas angolanos intitulada *No caminho doloroso das coisas* (1988), ao falar das lutas poéticas na busca da libertação e levadas no corpo a corpo da língua, no dissenso ante os álibis arquivadores sob o corpus canônico, repressivo, conformista e cúmplice da violência extrema e da fome fulminante:

Os jovens cultores da palavra poética intervêm e principalmente de 1980 para cá porque no quinquênio anterior assistiu-se ao alívio daqueles que somaram para gavetas textos e livros, contados em quase uma centena de livros, sem a liberdade necessária à expressão e vida literária. (FEIJÓO, 1988, p. 11).

Assim, as intervenções desses jovens poetas não deixam de transtornar um estado de coisas asfixiante, banalizado e considerado por alguns como o natural e único possível. Muitas dessas experimentações resistentes e combatentes se tramam e expõem, talvez numa espécie de po-ética da vulnerabilidade, às crianças, mulheres, além de outros seres fragilizados pela fome, a seca, os oportunismos, o autoritarismo, a guerra, a violência cotidiana que ainda na atualidade deixa marcas e rastros iniludíveis. Se bem “a força da poesia angolana está, em linhas gerais, envolta num universo repleto de elementos retratadores do substrato violência oriunda de fenômenos sociais e políticos.” (OLIVEIRA, 2009, p. 14). Algumas vozes poéticas, em lugar de referir-se apenas ao lamento da vítima e ao choro dos séculos na servidão, se nutrem e insistem no alento de vida e a mudança de ar, brotando entre aqueles que sobrevivem ainda na dificuldade do trauma e nas experiências limite suportadas, sem resignações, sem escapismos, nem coartadas.

No período pós-independência a literatura angolana resulta perpassada por diversas rupturas e reformulações com respeito aos valores, conceitos e preconceitos impostos pelos regimes estéticos e intelectuais colonizadores e conformistas; assim afloram tentativas experimentais e textos poéticos contestatários, à escuta da reestruturação dos horizontes, das urgências inadiáveis, da resistência inventiva indissociável do processo em curso e a necessidade de atualização das sensibilidades, imaginários e pensamentos, na toma de consciência ante as tensões e os desafios que a construção de uma nação implica.

Porém nos anos oitenta alguns escritores menos confiados das ilusões do modernismo nacionalista radical se desmarcam da perspectiva apenas centrada numa temporalidade entendida como caminho irreversível em direção a um ponto fixo, assegurado no futuro, onde só haveria duas opções: a revolução ou a morte. Isso traça, segundo Feijó (1988, p. 8): “o advento ou a assunção de uma mentalidade por assim dizer pós-moderna, não-dialética, sem pontos fixos num futuro abstrato.”

Caminhando sem apenas confinar-se aos rumos dados de antemão, mas fazendo caminhos ao andar ou numa navegação que calcula infinitamente com o imprevisto, abrindo sendas entre as margens indecidíveis e decisivas do sonho e do real, nesse rio denso e instável como as águas do Kwanza, sem ceder às supostas certezas, nem aos atavismos paralisantes, sem iludir as correntes intempestivas, nem deixar-se modelar por completo entre modelos modernistas e nem sequer pós-modernistas, advém do caudaloso abismo a carícia perturbante da memória poética, como acaso o sugere o poeta José Luís Mendoça: a *memória das palavras*.

Nesse âmbito poético se escuta a voz vigorosa e delicada de Ana Paula Tavares, em cuja tonalidade se entretetece as travessias da escrita com as multiplicidades de vozes e línguas da oralidade, e onde a expressão estética resulta inextricável da responsabilidade ética no acolhimento das memórias vibrantes e remanescentes no presente, voltada às camadas radiantes de sombras e aos cacos que o sol da história não alcança calcinar por completo, assim a palavra poética encontra novos caminhos entre antigas fontes. Nessas andanças pelo coloquial e ancestral, pulando na *árvore-das-conversas*, (expressão que usa David Mestre lembrando a poética de Aires de Almeida Santos), estendendo-se no limite do chão, mergulhando entre as veias finas da terra-mãe, nas tramas vigorosas de mais de uma mãe, Angola, África e a terra inteira renovadora do verbo e profeta do canto.

A mãe despe a pele das casas
Todos aos anos
Só para as revestir de novo
Do barro das origens. (TAVARES, 2010, p. 50).

Desse jeito, entre as vibrações resistentes e restantes das memórias errantes, fluidas e espectrais, que não cessam de voltar e revoltar pelas convulsões da terra inquieta, entre os ritos de passagem cheios de signos singulares e plurais, ao abrigo da lua que vela com seu espírito feminino pelas mudanças cíclicas, no lúcido devaneio pelos altos e baixos que ondulam no lago da existência. “A poesia instala-se no seu terreno, participante e participada, ocupando um lugar destacado no cotidiano.” (MESTRE, 1987, p. 48).

À escuta dessa voz se tentará fazer aproximações entre alguns poemas reunidos no texto *Como veias finas da terra* (2010). Poemas que acolhem as turbulências do testemunho e “cabem dentro do ruído (*gargantas abertas, crianças às voltas, mãos cravadas na enxada curta*)” (TAVARES, 2010, p. 34). Onde as ruínas da memória entre os rastros do aqui e o agora, e ressoando no silêncio, são recolhidos, montados e remontados, na desmontagem das amarras opressoras e na forma resistente do poema:

Agora que habito um país de silêncio
Recolhida na cela fria e branca
De um certo momento da vida
Me entrego a recolher

A memória do grito
Os sorrisos alargados de antigas fêmeas
Soltas das amarras dos gritos
um poema
apenas um poema. (TAVARES, 2010, p. 18).

No poema chamado “La dame à La Licorne” (TAVARES, 2010, p. 46) que lembra as tapeçarias francesas tecidas no final do século XV, se cita como epigrafe os versos da escritora portuguesa Ana Luísa Amaral, que sugerem o carácter transfigurador e as metamorfoses vindas da tecedura poética, levando a “reaprender o mundo / em prisma novo”. Assim, a experiência poética não apenas se limitaria a seguir os passos que conduzem no caminho costumeiro a Paris, com um caderno de notas e lápis prontos, para simplesmente começar “alinhar as palavras esquecidas / uma a uma as mais bonitas.” Mas a mesma cidade luz entre suas sombras “Apanha-nos pelas veias”, solicitando reaprender os sentidos, outro modo de tocar, ver, ouvir e cheirar entre as tramas, tecidos e véus da terra com seus fios de seda e húmus. Nas veias sutis e improváveis a poesia entretece como um tapete de viagem, entre travessias de escrita, nas memórias de mais de um grito e sorriso e assim acolhe cada história desenhada nas firmes linhas das mãos de quem assim a forja, entreaberta ao transbordamento polimórfico da língua, magnetizada e reinventada com as vozes vivas, os murmúrios dos mortos e os cantos surpreendentes dos novos, onde a amplitude do chão é o limite, ilimitado a cada detalhe e líquen frágil, agudo e ínfimo; multiplicado entre os prismas desse mundo mais de um, que desborda as pretensões grandiosas, unidimensionais, celestiais e transcendentalistas dos hinos e das glórias ostentadas pela prepotência dos amos e senhores; insepulto nos paraísos artificiais dos poetastros e sábios; insurrecto a um horizonte de sentido e compreensibilidade consabido, que se pressupõe imutável e dado de antemão.

Resistindo criativamente ao desígnio alheio imposto pelo excludente senhorio do discurso grandioso e do espírito absoluto da história, a poesia joga entre as veias finas da terra, encontra cursos desviantes na lama desasfaltada, no acolhimento das vozes das multidões deixadas na intempérie e nas memórias da noite ecoando no silêncio e o ruído, inscritas nas marcas dos corpos vulnerados ou expostos na pele à ferida.

O senhor do templo fechou
As portas da casa grande
Na minha cara

O grande senhor não sabe de mim
Das palavras que escrevo
Quando a noite chega
O senhor do templo fechou a porta
Sem aceitar as oferendas de sal
Memória e óleo de palma
Das minhas mãos
O dono do templo fechou as portas
Do mundo inteiro na minha cara
E deixou cá fora
À chuva e ao vento
A voz da multidão. (TAVARES, 2010, p. 43).

Mas a intempérie da chuva e o vento em que as multidões de vozes da memória e do testemunho restam, após da rejeição do templo patriarcal, falo(e)gocêntrico e o tribunal da história ocupada apenas em legitimar e preservar o impune domínio de uns poucos em detrimento dos povos, não é o fim total, pois como fala outro poema da autora, tanto a chuva lenta e fina como a tempestade misturada ao vento pode ser fecunda, turbulenta e hospitaleira, assim como diversos mitos não apenas diluvianos o testemunham, a chuva é o elemento indispensável para a vida; aquela humidade do quiçá, deslizante desde o principio, traz mudanças, dinamiza os fluxos, permite múltiplos devires, semeia frutos e no imprevisível talvez banha as feridas alentando a reinvenção da terra:

Talvez o princípio fosse a chuva assim descendo sobre a terra para cobrir de lama fértil e cogumelos. A chuva costuma anunciar-se de longe e avança sobre a distância ligando o chão gretado da seca e dos tempos. A chuva sara o próprio ar e é mãe, pai, tecto, templo para todos os viventes grandes e pequenos. Cai sobre a terra ávida vinda não se sabe bem de onde e lambe-lhe as cicatrizes até criar vida de novo a cada ciclo de vento e terra.

De onde eu venho a chuva usa uma voz fininha para falar uma língua de sopros, rente-ao-chão e faz crescer com a lava dessa voz o mundo em volta. Os miúdos aprendem cedo a conhecer os sons da fala, a forma como muda na dobra do vento. Bebem dela a ciência da sede e

esticam as asas sob a sua cortina de pérolas. (TAVARES, 2010, p. 30).

Dessa maneira, em contramão ante uma presumível via única e uma representação que se pretende plena e acabada, entre luz e sombra a poesia remove outras camadas de conhecimento e desliza fissuras nos opacos avessos esquecidos sob a versão autorizada como oficial e supostamente transparente da história, que se pretende linear e continuísta, com o domínio autossuficiente sobre o acontecimento, homogênea, monológica, soberba viril, erigida em paralisia e excludente, ótica ainda predominante entre diversos campos do saber positivista.

As paixões da poesia, imantada pelos tremores do húmus, desestabilizam as crenças sedimentadas numa concepção de realidade restrita ao que se presume fixo, dito e feito plenamente, mexendo delicada e intensamente gramáticas, sintaxes, signos e sentidos, contra-assigna o imposto e arrisca entre as erupções de mais de uma língua, entre os abismos de cada língua, no deslize de origem onde múltiplas temporalidades e espacialidades restam irreduzíveis ao discurso da história unívoca, a uma verdade axiomática, continuísta e de antemão suturada, saturada e clausurada, assim porta na interrupção ininterrupta que ao mesmo tempo relaciona sem pertenças o solar ao lunar, o que foi, é e será, aventurando nas linhas firmes traçadas sem desígnio definitivo nas mãos, nos caminhos da escrita que se forja entre os mananciais do esquecimento e da memória e que imprevisivelmente nutrem o por vir aqui e agora.

No texto *Como veias finas na terra*, desde o primeiro poema chamado *Entre luz e sombra* e dedicado ao poeta senegalês Leopold Sédar Senghor, autor de textos como *Cantos de sombra* (1945), se escutam ecos entre a vida e a morte, o deslizamento das sombras, a celebração do adeus fúnebre, as passagens cíclicas, as partidas e as revoltas dos espectros que embargam a memória e se afastam dos vivos para retirar-se entre os fluxos da terra. Mas também o poema porta e se deixa portar, ir e vir, nas caminhadas, as marcas e os ofícios dos vivos. Na sua intermitência o poema vai e vem sem deixar de oscilar na alteração interminável, não apenas enlutado pelos que se foram, mas também porta na sobrevida, as oferendas das mulheres dos clãs que cuidam o fogo das palavras e as mães que carregam os ovos serpentinos da vida por vir onde se prepara a madrugada. O fecundo perfume feminino e a força da fragilidade são como bálsamo que humedece a ferida sem clausurar seus lábios e limpa as palavras de sílabas mortas. Nessa alquimia verbal se experimenta e comemora as mudanças iniludíveis da existência, cheia de contrastes, secas e fecundidades, desejo e morte, amores e traições, sinuosidades e

relações inesperadas, onde o que entrecorta o alento da vida aporética e paradoxo-poeticamente vem a sustentar a respiração da terra toda, assim ressoa a iteração diferencial ao final do poema: “Os mortos abandonam os vivos / entre sombra e luz / nas veias finas da terra.” (TAVARES, 2010, p. 8).

Assim, sem ceder ao primado iluminista, que com suas boas vontades de poder bem gostaria deixar no esquecimento as monstruosidades e a tragédia cultural que implica; a poesia em Paula Tavares se expõe, antes de impor-se sobre a noite. Esse espaçamento da noite não é uma abstração qualquer, nem algo simplesmente assimilável com uma metáfora ou metonímia, ela não serena, mas dói, como uma cortadura nas entranhas, assim entre suas marcas e cartografias invisivelmente visíveis se inscrevem no corpo da língua “Os gritos das mulheres / O choro das crianças” (TAVARES, 2010, p. 49); nela teme, treme e se partilha a luz em sombra, nela a amizade entrecorta o alento, enquanto o amor nos revela infinitamente finitos e a presença inaparente dos outros pulsa incessante, levando a errar na demorada ondulação das areias e na vela ferosa do poema.

É sempre à noite que mais dói
Dizia-me o amigo
Chega a febre
O cheiro ácido do pântano
O silêncio gelado dos mortos
A presença inquieta dos outros
O lento movimento das dunas (TAVARES, 2010, p. 39).

Entre essas veias quiçá tão finas e cortantes como os fios inextricáveis das nervuras do acontecimento, se bordam poemas que não pretendem artifícios celestiais, nem paraísos artificiais, desmarcando-se dos preceitos cerimoniais, do saber consabido, das transcendentalistas formulas e das iniciações intelectualistas. Mas sem por isso carecer de rigor, aventura e coragem, levando a pensar, pesar, pender sem cessar, entre a emoção, moção, comoção, vinda da oscilação elástica dos dias, solicitando andar com os pés nus ou de lã, atravessados pelos tremores da terra, passando e atravessando de vagar e sempre insistindo no limiar do chão.

Não sei do céu
E das mil e uma noites

Só bordei o tapete
E treinei os dedos
Para as veias finas da terra
Isso de olhar a lua
E crescer para o céu
É para iniciados
Mestres de cerimónias
Homens sábios
Árvores velhas
O chão é o limite
Pendo para lá todos os dias. (TAVARES, 2010, p. 44).

Nessa errância poética pelo esquecimento e a memória as prepotências ficam sem fundamento, se mostram obsoletas as marchas em excesso confiantes nos ideais progressistas que consideram todo de antemão disponível e simplesmente passível de servir aos nossos interesses e vontades, cada lugar se reinventa em coreografias irredutíveis a demarcações, topologias e topografias impostas, treme a lei do medo que impede olhar aos outros, a luz da verdade não vem apenas da história arquivada pelos que se presumem vencedores, risível resulta assegurar que ninguém pode entrar duas vezes ou muitas mais no mesmo rio, o devir não aceita tais certezas ou pusilanidades e ainda que o avance solar e expansionista do discurso belicista se ache o pai onipotente de todas as coisas, nada garante que a mais humilde das palavras ou pequeno e intratável sopro seja um vidro incurável para seu pé de gigante.

Para onde eu vou
Ferve a luz
Debaixo dos tectos
Há ontem e amanhã
Amores com pele de líquen
Sonhos azuis pelas esquinas
Ali não é preciso nada
Guardamos o lugar
Com palavras
Olhamos uns para os outros
E vamos, cada vez mais pobres

Tapar o sol com a peneira. (TAVARES, 2010, p. 51).

O poeta russo Ossip Mandelstam afirmava que “o povo precisa que um verso misterioso o abrace”, mas talvez também se precise que o verso não esqueça um enigmático povo jamais dito ou dado plenamente. E que o abraço não necessariamente seja para estrangular, reavivar venenos ou alimentar velhos hinos de cruzadas e ressentimentos contra a vida. Pois quiçá na sua fugacidade poema e povo desbordam os abraços programados e sem cessar solicitam recomeçar a cada vez outra vez o impossível, ainda na generosa distância e inclusive graças a ela. Ou também porque faz falta redescobrir as modulações e variações de seus timbres e clamores, ouvir os silêncios que não se deixam calar e experimentar outramente as poéticas do lugar, sem negar as alteridades da identidade, no respeito da diferença, como isso que se resiste à vontade de apropriação e no cuidado das múltiplas naturezas e culturas inextricáveis.

Dessa maneira, oralidade e escrita não sempre estão isentas de tensões e a pesar de suas dissimetrias, de suas funções diversas e heterogêneas restam indissociáveis; nos seus quiasmas e encontros inesperados a identidade se dinamiza assombrosamente, deixa de ser prevista como cristalização imutável, reinventando-se na relação diversificada, errática e imprevisível, se traduzindo quiçá através daquilo que o poeta martiniquense Édouard Glissant chamou de poéticas da relação (GLISSANT, 1990).

Recolher esses rastros e rostos da oralidade não deixa de ser uma tentativa, ou seja, uma errante luta onde nenhum sucesso está garantido. Se de alguma forma a literatura tem algo de artifício e a tradição oral surge para cumprir determinados papéis, nada impede que entre seus limiões instáveis as travessias da escrita poética se aventurem e assim cada uma saia de seu próprio contexto ao encontro do outro. “Eu trabalho com isso e me debato com esse problema entre desrespeitar a fórmula da tradição oral, para trazê-la até nós, e chegar nela para retrabalhá-la. É um desafio.” (TAVARES, 2010). E mais ainda, sem esse risco e jogo que implica certa operação tradutiva, transcritiva e blasfema, de fidelidade infiel por fidelidade ao que infinitamente se perjura e promete, talvez nada acontecesse, se algo acontece, e nenhuma poesia viesse, se algo vem, a estremecer entre suas dobras e desdobramentos e a guardar o lugar deslizando na noite e na luz ferventes, entre os sonhos e as realidades diversas onde uns se aventuram e insistem com os outros. Enquanto a memória como mãe das musas renova o desejo insaciável e entreabre em cada signo, gesto e imagem poética dispensas de constelações inumeráveis e tão desmedidas na sua lenta errância como arquipélago.

A mulher das palavras antigas
Enche de água nova
as panelas
onde os espíritos se reconhecem
e matam a sede dos dias e das noites
(...)
A memória do tempo
Está inscrita nos seus gestos pequenos
Que tornam o avesso da terra
Tão perfeito como a ilha
Que se move lenta
Por dentro do cerco (TAVARES, 2010, p. 48).

Assim, se reescrevem não apenas os fragmentos de uma anti-história, mas se remonta entre os detalhes fecundos, nas materialidades e as minúcias infinitas duma memória plurisensorial e profética, que permite dinamizar a cultura, perturba o estabelecido e alenta entre rastros e resíduos palavras poéticas para que os povos cantem, vivam e sobrevivam, sem ceder à servidão sob a uniformização imposta e com que se pretende englobar e erradicar a diferença do mundo de hoje, nem ficar na paralisia do conformismo ou na reativação do ressentimento, mas sem iludir a ameaça levem a acreditar sem dogmas na chance que fulge ainda no desfavorável, à escuta das alteridades de outra ideia de mundialidade, cujas chamas se avivam entre os locais da diferença, nos movimentos translocais, nas propostas cosmopolíticas irredentistas, jamais surda aos restos das panelas, e entre todos e todo aquilo que não deixa de caminhar com o pé na lama, insistindo em transtornar a asfixia das opressões com a brisa antiga e maternal das manhãs.

Bibliografia

- FEIJOÓ, J. A. S. Lopito (Org.). No caminho doloroso das coisas. Antologia de jovens poetas angolanos. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1988.
- GLISSANT, Édouard. Poétique de la relation. Paris: Gallimard, 1990.
- MESTRE, David. Nem tudo é poesia. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1987.
- OLIVEIRA, Jurema. No limite entre a memória e a história: a poesia. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009.

SOARES, António Filipe. Poesia angolana: Antologia. Porto Alegre: Instituto cultural português e Escola superior de teologia, 1979.

TAVARES, Paula. Como veias finas na terra. Lisboa: Editorial Caminho, 2010.

_____. A oralidade é meu culto. Entrevista a Ana Paula Tavares, in AUSTRAL nº 78/ Buala, por Pedro Cardoso. Novembro, 2010.